

O telejornalismo e o uso da tecnologia 5G: pistas às incertezas das mudanças¹

Guilherme MAIA²

Leandro OLEGÁRIO³

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Porto Alegre, RS

RESUMO

O objetivo geral deste artigo é analisar os impactos da internet 5G na rotina produtiva do telejornalismo gaúcho, a fim de captar as mudanças que o surgimento deste novo modelo de serviço traz para a profissão. Dessa maneira, procura-se responder a pergunta-norteadora: Quais os impactos da Internet 5G na rotina produtiva do telejornalismo gaúcho? Para executar esta pesquisa, foram feitas entrevistas com profissionais de quatro segmentos: mercadológico, institucional, acadêmico e tecnológico, relacionados à comunicação e tecnologia, partindo do pressuposto de como eles percebem esse novo cenário. Assim, a pesquisa possui caráter qualitativo e exploratório. Para isso, como método foi utilizado a Cartografia (DELEUZE e GUATTARI, 1995), com aplicação de quatro etapas de análise: Rastreo, Toque, Pousa e Reconhecimento Atento, esta última detalhada neste texto. O que emerge como descobertas é a percepção de possíveis avanços telejornalísticos na cadeia produtiva, bem como reflexões sobre os novos papéis dos jornalistas para o cumprimento da função social do jornalismo audiovisual.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; internet 5G; rotina produtiva; cartografia; comunicação.

Introdução

Diante de um novo cenário, caracterizado pela incerteza e o excesso de informações, o jornalismo como um todo foi impactado, sofrendo alterações em seu dia a dia tanto nas práticas e formas de criação de conteúdos quanto no discurso disponibilizado à audiência. Com a tecnologia assumindo um caráter essencial nos veículos de imprensa, os métodos então mudaram. O primeiro ponto é em relação às fontes e o acesso às informações, que se tornaram mais fáceis e velozes na era digital com o surgimento de plataformas de mensagens instantâneas. Junto a isso está o

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Telejornalismo do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Bacharel em Jornalismo pela ESPM/POA, pesquisador do Grupo CNPq Teoria e Prática no Jornalismo (ESPM/POA). E-mail: guilhermemgoncalves@gmail.com

³ Doutor em Comunicação pela PUCRS. Jornalista e professor universitário. Pesquisador dos Grupos do CNPq Televisão e Audiência (UFRGS/PUCRS) e Teoria e Prática no Jornalismo (ESPM/POA). E-mail: leandro.olegario@gmail.com

dinamismo da apuração dos fatos que, a partir de uma necessidade de preparar a informação rapidamente, agora é feita de modo mais acelerado - resultando em um procedimento mais ágil, ao mesmo tempo que causa a necessidade de correções e atualizações nos materiais. Os produtos jornalísticos também foram alterados, com a criação de conteúdos mais superficiais e descontextualizados - apesar de que outros também surgiram, como os imersivos e os newsgames. E o principal: o que antes era criado para uma única mídia, atualmente deve ser pensado para duas, três ou todas (LOPES e BONISEM, 2019).

No telejornalismo não é diferente. O formato vem evoluindo suas técnicas de produção e distribuição desde o início da década 2010. Com o crescimento da internet e as tecnologias impulsionadas por ela, principalmente a das múltiplas telas (smartphone, smart tv, tablet e notebook), passou-se a existir “a oferta de conteúdo em diversas plataformas” (SOUZA, 2011, p. 112). A partir desta nova realidade, os veículos de imprensa passaram a apostar ainda mais na convergência como fator que busca valorizar a produção e disseminação do conteúdo em diferentes mídias. É o que Silva e Machado Filho (2016) chamam de “TV híbrida”, que se resume em uma união da programação televisiva com a internet, produzindo conteúdos on demand. Para os autores, esse é o estágio mais contemporâneo da TV e as experiências a partir do desenvolvimento de conteúdos crossmedia e transmídia⁴ vêm fazendo parte da produção televisiva atualmente.

Lívia Cirne (2016) afirma que o transmídia e o telejornalismo se tornam uma necessidade na produção jornalística, pois as empresas se sentem “obrigadas” a construir estratégias de consumo de notícias pela web, ao mesmo tempo que transforma a audiência em uma aliada e solicita uma participação mais efetiva do público consumidor. Yvana Fachine (2014) amplia o debate. De acordo com a autora, o telejornalismo contemporâneo passa a experimentar práticas associadas à transmídia e ao storytelling, levando o telespectador a não consumir apenas o material televisivo, mas também outros produtos a partir de múltiplas plataformas resultando no que define

⁴ Segundo Finger (2011, p.4), “na crossmedia há um processo de difusão de conteúdo em diversos meios”, enquanto “a transmedia é a integração de conteúdos e meios com o objetivo de evidenciar a colaboração do usuário, que passa a ter vez e voz”. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/23731/23671>. Acesso em: 16 abr. 2023.

como “transbordamentos narrativos”. E isso, conforme aponta Ana Gruszynski (2015), acaba por se tornar mais um dilema para a produção do jornalismo televisivo.

Assim sendo, o objetivo principal ofertado por este estudo é examinar de que maneira a introdução da tecnologia 5G impacta a forma como o telejornalismo é produzido no Rio Grande do Sul. O propósito subjacente a essa pesquisa é compreender as mudanças resultantes da adoção desse novo modelo de serviço de tecnologia da informação, buscando identificar as alterações que ele traz para a prática jornalística audiovisual informativa.

Internet 5G e o telejornalismo

Dentro dessa perspectiva de mudanças, o telejornalismo, assim como os outros formatos que compõem a área, está prestes a seguir na direção de novos caminhos. Com o surgimento da internet 5G e o amplo debate sobre a evolução na comunicação, a tecnologia de quinta geração para as redes móveis deverá fazer com que haja outras tantas adaptações nos conceitos de produção, circulação e consumo dos conteúdos jornalísticos. Afinal, conforme o estudo *The Impact of 5G: Creating New Value across Industries and Society*, de 2020, este aprimoramento de conectividade em redes irá desbloquear um potencial significativo para melhorias de resultados técnicos e financeiros em escala global, gerando, por exemplo, a otimização da prestação de serviços, tomada de decisão e experiência do usuário final.

Segundo Hossain (2013), a nova tecnologia irá fornecer todos os tipos de aplicações possíveis, utilizando apenas um dispositivo universal e interligando a maior parte das infra-estruturas de comunicação já existentes. Os terminais 5G serão, portanto, multimodo reconfiguráveis e com rádio cognitivo habilitado. Com isso, as redes móveis 5G irão concentrar-se no desenvolvimento dos terminais de usuários, onde terão acesso a diferentes tecnologias sem fios simultâneas, combinando diferentes fluxos de tecnologias distintas. Além disso, o terminal irá fazer a escolha final entre diferentes redes de acesso sem fio para um determinado serviço.

O 5G, portanto, tende a ser a mais concreta representação do terceiro marco da revolução 4.0, dando continuidade às tecnologias de internet móvel anteriores (1G, 2G,

3G e 4G). Assim sendo, deverá concretizar conceitos como o de internet das coisas⁵, promovendo transformações na maneira como pessoas e organizações se relacionam. Para isso, promete, entre suas características principais, o crescimento das taxas de transmissão, maior densidade de conexões - explicado pelo aumento da quantidade de dispositivos conectados em uma determinada área -, e a baixa latência, que é o tempo mínimo entre o estímulo e a resposta da rede de telecom. (Agência Nacional de Telecomunicações, 2021).

Estratégias metodológicas: A Cartografia para encontrar as respostas

Deste modo, considerando a importância da quinta geração de internet para a construção de um telejornalismo ainda mais inédito, eficaz e ético, procura-se responder o seguinte questionamento: Quais os impactos da Internet 5G na rotina produtiva do telejornalismo gaúcho?

Diante do objetivo geral exposto na parte introdutória do trabalho, para executar esta pesquisa, foram feitas entrevistas com profissionais de quatro segmentos: mercadológico, institucional, acadêmico e tecnológico, relacionados à comunicação e tecnologia, partindo do pressuposto de como eles percebem essas mudanças. Para chegar às fontes, foi utilizado pelo autor o conceito de *stakeholders*, que é definido por Freeman (1984, p.48) como “grupos ou indivíduos que afetam ou são afetados pela realização dos objetivos organizacionais”. Para tal, o trabalho considerou a vertente qualitativa. O tipo de pesquisa utilizada no estudo foi a exploratória, uma vez que o principal objetivo é o da descoberta de intuições ou o aprimoramento de ideias.

Quadro 1 - Profissionais entrevistados para a pesquisa

Setor	Fonte	Cargo
Mercadológico	J1	Repórter - Grupo RBS
	J2	Repórter - Grupo Bandeirantes/RS
Institucional	G1	Diretor de entretenimento e canais - Grupo RBS
	G2	Gerente de jornalismo - SBT/RS

⁵ A Internet das Coisas é uma inovação tecnológica, baseada em artefatos já consolidados como a Internet e objetos inteligentes. O termo foi apresentado primeiramente por Kevin Ashton, em 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jistm/a/xVZfWsmzsVY5Tj55YDBDRGG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 mai. 2023.

Acadêmico	P1	Coordenadora PPGCOM - PUC/RS
	P2	Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - UFJF
Tecnológico	E1	Ex-diretor de novas tecnologias - Grupo RBS
	E2	Diretor-geral da TVE e da FM Cultura

Fonte: elaborado pelos autores, 2023

Quanto à coleta de dados, escolheu-se as técnicas de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevista em profundidade. Por fim, a cartografia é a metodologia adotada para análise dos dados.

De acordo com Deleuze (2005, p. 1), a proposta para uma cartografia se trata de “desemaranhar as linhas de um dispositivo. É, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de ‘trabalho em terreno’” (DELEUZE, 2005, p.1). Deste modo, é preciso que sejam instaladas próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas em atravessá-lo, arrastá-lo, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal (DELEUZE, 2005). No caso específico deste trabalho, as terras desconhecidas citadas por Deleuze dizem respeito à internet 5G e os seus possíveis impactos na rotina produtiva do telejornalismo.

Virgínia Kastrup (2007, p.45) cita que "a atitude investigativa do cartógrafo seria mais adequadamente formulada como um 'vamos ver o que está acontecendo', pois o que está em jogo é acompanhar um processo, e não representar um objeto". Assim, a autora divide o gesto atencional do cartógrafo em quatro fases, denominadas por ela de “etapas do gesto atencional do cartógrafo”, em que cada uma possui especificidades e importância para a construção da materialidade do conceito de cartografia. Os quatro estágios deste processo são: o Rastrear; o Toque; o Pousar; e o Reconhecimento Atento (KASTRUP, 2007), esta última a ser amplificada neste artigo.

Análise: Pistas para (re)pensar o telejornalismo e os impactos da internet 5G

Aqui, explora-se o reconhecimento atento, ou seja, a última fase da metodologia utilizada (MAIA; OLEGÁRIO, 2022). Assim sendo, visa-se apresentar, a partir de um cruzamento de dados entre os materiais recolhidos junto às fontes e o uso de documentos teóricos, um direcionamento para o panorama jornalístico e para a rotina

e habilidades profissionais com o advento da quinta geração de internet móvel aplicada ao telejornalismo.

Na perspectiva do panorama jornalístico, já faz algum tempo que o telejornalismo vem adaptando a maneira de contar histórias e, por consequência, de cumprir o seu papel social. Por mais que Stringari (2020) afirme que a televisão é a principal forma para a democratização de informações, agora, o formato jornalístico precisa dividir a atenção com outras plataformas tecnológicas de criação e divulgação de conteúdos. Isso, então, acaba por estimular a oferta de novas opções narrativas ao telespectador (FREITAS, 2018).

Diante deste cenário, **J2** entende que os jornalistas vivem em meio a um panorama de permanentes desafios na profissão, ampliados significativamente pela chegada da tecnologia nas redações, que passaram a virtualizar o trabalho e interferir nos conteúdos (MARCONDES FILHO, 2009). Esse pensamento é embasado por Barroso (2016) ao salientar que o telejornalismo sempre apresentou um fluxo de mão única e com poucas possibilidades de participações ao público, mas que, devido a frequente utilização de novas tecnologias, isso acabou mudando e resultando em uma aproximação com os espectadores.

Seja para entregar um melhor material ou para fazer uso das facilidades disponíveis na cadeia produtiva, o jornalismo audiovisual está cada vez mais ligado à tecnologia. Como salienta **P1**, “a internet modificou as rotinas de produção do telejornalismo como um todo”. Para exemplificar esse novo momento que o formato vive, é possível trazer o conceito de “hipertelevisão”, criado por Scolari (2008), que permite a construção de diferentes caminhos narrativos. Com a utilização de estratégias transmidiáticas na programação (YVANA FECHINE, 2013), pode-se fazer uso das multitelas, que acabam por estimular a participação do público neste cenário (FINGER, 2014).

Outro ponto que evidencia a mudança na profissão, reflexo do avanço tecnológico, é destacado por Cádima (2015) e ressaltado por **J1**. Esse contexto de convergência cria espaço para que haja uma potencial interação entre jornalistas, tecnologias e cidadãos, possibilitando a criação de ambientes mais colaborativos. **J1** aponta justamente isso, ao se referir que, atualmente, “o jornalista passou a usar conteúdos produzidos por terceiros para compor a notícia, [...] passou a se pautar por

assuntos-tendência nas redes”.

Com a internet 5G, portanto, a expectativa é de que se tenha ainda mais facilidades para explorar os dois aspectos principais que conduzem as transformações telejornalísticas nos últimos anos: as diferentes formas narrativas de conteúdos e a contribuição popular para a atividade. Isso pode ocorrer a partir das características de baixa latência e conectividade massiva, que, conforme aponta Farias (2019, p.84), possibilitará “novas aplicações e modelos de negócios que podem melhorar drasticamente a qualidade de vida em todo o mundo por meio de novos casos de uso sem precedentes que exigem alta comunicação instantânea de dados”. No jornalismo, especificamente, **E2** destaca que, com o advento da nova tecnologia, será possível “ter equipamentos com mais capacidade e isso vai melhorar a qualidade e latência”, conseguindo acessar locais que antes não seria realizável a não ser por satélite.

A par de mais uma iminente mudança para a profissão, **J2** pontua que a nova tecnologia trará facilidade e mobilidade para as transmissões, já que contará “com uma banda com maior velocidade, com maior capacidade em termos de qualidade de imagem e de áudio”. **G1**, que também acredita neste conceito de agilidade para o telejornalismo, vai ao encontro do que diz **J2**. Para ele, uma das possibilidades será o “aumento de cobertura e de alcance das reportagens em função da melhor cobertura da telefonia móvel, [...] viabilizando mais informação, imagens em mais locais in real time”.

P1 embasa que a internet 5G é “uma tecnologia para as emissoras”, sendo, para quem produz, muito acessível, uma vez que os meios tecnológicos para se realizar uma transmissão já foi muito caro. Conforme aponta a pesquisadora, “o 5G, sem sombra de dúvidas, no modo como nós temos usado a internet na produção de conteúdo, traz um significativo avanço”. E completa:

O que me agrada no 5G é que eu acho que nós temos a possibilidade, por exemplo, de terminar com os desertos de notícia. E isso é uma coisa boa. Se a gente conseguir ampliar o sinal, como se diz que há uma facilidade de ampliação do sinal no interior do Brasil, nós temos a possibilidade de ter uma maior produção de informação local e pelo local e colaborativo. [...] O 5G vai nos permitir fazer o que antigamente os jornais do interior faziam, e que hoje já não têm mais condições de fazer. Ou seja, ter uma notícia hiperlocal com qualidade. (**P1**).

P2 acredita que “a chegada da internet 5G possa acelerar processos de participação e mesmo de produção de conteúdo em vídeo de forma personalizada. Nesse

sentido, teríamos cada vez fluxos audiovisuais mais múltiplos”. Tais alternativas são vistas com bons olhos por **P1**, já que “quanto mais a gente melhora as condições de transmissão, de captação, a gente diminui esses limites entre o que é televisão, o que é internet, o que é mídia social”.

Ainda dentro das possibilidades para uma melhor entrega de conteúdos ao público, **E2** cita que, a partir das potencialidades prometidas pelo 5G, a tendência é de ganho em transmissões de eventos e de notícias ao vivo. Tais perspectivas, segundo ele, acaba, cada vez mais, fortalecendo o telejornalismo de TV aberta, que sairá um pouco mais do estúdio para estar “na rua com qualidade para poder alavancar a audiência”. No entanto, “além de aumentar a capacidade de produção, cobertura e vivos”, **G2** acredita que o 5G “irá permitir que a TV aberta disponibilize conteúdo sob demanda e entrega de publicidade direcionada, de acordo com o perfil e interesse do telespectador”, o mesmo já destacado por Olegário (2020), ao indicar a possível materialização do conceito de jornalismo ubíquo.

Mas os efeitos da internet 5G no horizonte telejornalístico não ficam apenas nas diversas alternativas de circulação e consumo dos materiais audiovisuais. A nova tecnologia, conforme referem as fontes, também promete impactar a parte produtiva do formato. **J2** fala que o 5G potencializará ainda mais os “não profissionais”. Segundo o jornalista, “o processo colaborativo tende a ganhar força com as pessoas produzindo mais conteúdos não profissionais e compartilhando-os”.

J1 traz o mesmo ponto para a discussão, mas com um sinal de alerta. Para ele, o grande desafio imposto pela tecnologia será o de competir com os smartphones e as mídias sociais, “que constantemente são também as redes de informações falsas”. A atenção a esses fatores é de igual forma abordada por **P1**, ao citar que todos esses avanços tecnológicos são úteis desde que seja mantida a questão ética da checagem e de todas as outras etapas da rotina produtiva. “[...] Hoje, quando todo mundo se acha jornalista, o que nos dá credibilidade é exatamente a nossa apuração, o nosso cuidado ético”.

É exatamente esta particularidade, de reafirmar-se como espaço da informação correta e checada, que **P2** acredita ser o maior desafio da área. Segundo ela, a partir dessa potencialização da participação cidadã, “é preciso reforçar equipes de apuração, capacitadas para identificar conteúdos manipulados e que podem circular nas redes e

serem remetidos para as redações”. Ela ainda reforça que, “em tempos de combate à desinformação, creio que o telejornalismo pode se fortalecer como lugar de checagem”, já que, para o formato, “o ganho e o diferencial são a credibilidade”.

Deste modo, segundo **J2**, será necessário “usar a nossa técnica, a técnica de apuração e de finalização, para trabalhar melhor, para que a gente possa mostrar ao público a importância de se acompanhar o trabalho jornalístico e os telejornais”. Afinal, conforme o jornalista:

[...] parece que o desafio já está posto e, a partir do momento que a gente tem o 5G se consolidando efetivamente, esse desafio se amplia porque há possibilidade, obviamente, de pessoas não profissionais terem mais capacidade de divulgar o que elas bem entendem. E aí entra o nosso papel, como jornalistas profissionais, de qualificar o conteúdo dentro da técnica jornalística, ouvindo as diversas versões e, obviamente, ampliando. (**J2**).

Para concretizar essas perspectivas, contudo, **J1** destaca que a profissão precisa, sim, acompanhar a transformação do mundo. Afinal, “se o 5G oferece soluções para grandes empresas, agronegócio, sistemas de monitoramento, o jornalismo tem obrigação de tirar o melhor desta tecnologia”. Assim sendo, ele sugere que os diretores de grandes grupos de comunicação aceitem os novos tempos e se adaptem ao cenário o mais rápido possível.

G1 também entende a necessidade de adaptações. Com isso, cita que “um importante desafio é a preparação de profissionais de jornalismo que tenham maior protagonismo ao longo de toda a cadeia de produção, pois a tecnologia vai permitir isso”. A demanda por investimento em novos equipamentos e sistemas que viabilizem o uso do 5G é igualmente destacado pelo gestor.

Deste modo, como salienta **E1**, a tendência é de que, cada vez mais, “enormes carros de transmissão, que antigamente se usavam para fazer os ao vivo, agora, via de regra, possam ser substituídos por kit miniatura de celular com vários chips”. E isso ao mesmo tempo que, de acordo com **P2**, haverá “possibilidade de maior agilidade, por exemplo, no transporte de arquivos de vídeo, entre equipes em externa e emissoras, e mesmo entre público (audiência ativa) e emissora”.

Ao apresentar as perspectivas para o panorama jornalístico a partir da utilização da internet 5G no telejornalismo, entende-se que a nova tecnologia trará mudanças em dois principais pontos de atuação do setor: produção de materiais e criação e circulação de conteúdos. A figura abaixo apresenta alguns destes conceitos.

Figura 1 - Panorama jornalístico com o 5G



Fonte: Autores, 2023.

O primeiro porque haverá mais participação da audiência no processo produtivo dos telejornais, já que a conectividade será um facilitador para tal. E isso exigirá um fortalecimento na checagem dos materiais recebidos dos cidadãos, e até mesmo um diferencial em relação aos demais agentes de informações, a fim de que seja mantido os cuidados éticos da profissão.

Já o segundo diz respeito à etapa final, ou seja, o que e como chega até o espectador. Com o 5G aplicado ao telejornalismo, vislumbra-se uma excessiva melhora na cobertura de acontecimentos, bem como na realização de transmissões ao vivo. Além disso, a expectativa é de que, ao fazer uso das múltiplas telas e da convergência midiática, a serem melhorados com a nova tecnologia, também possibilitará a entrega de conteúdos sob demanda, de acordo com o perfil de cada espectador.

Considerações finais

As produções jornalísticas televisivas ostentaram historicamente audiências substanciais e características intrínsecas definidoras. Não obstante, conscientes da

eficácia do reino digital, cujo desenvolvimento exponencial ao longo da última década é incontestável, essas produções passaram a se renovar de modo a incorporar este ambiente e, de maneira preeminente, alavancar este espaço para a otimização dos serviços providos ao público. Por meio da utilização de conteúdos imersivos - capazes de direcionar os espectadores para os sítios eletrônicos das emissoras mediante a implementação de códigos QR, como exemplo paradigmático - e da disponibilização de edições noticiosas em plataformas on-line, o paradigma do telejornalismo transformou-se em uma abordagem jornalística destinada a múltiplos dispositivos, ajustando-se às tecnologias contemporâneas a fim de se preservar enquanto fonte fidedigna e inexaurível de informações para a coletividade.

Portanto, pode-se inferir que a indagação investigativa indica que a rotina produtiva do jornalismo televisivo gaúcho será reconfigurada pela implementação da Internet 5G, desencadeando uma maior necessidade de verificação dos conteúdos e impondo um ritmo produtivo mais acelerado, além de demandar profissionais com competências multifacetadas, dotados de amplo domínio das ferramentas tecnológicas. Este ajuste visa fortalecer o jornalismo como um campo de validação e, até mesmo, viabilizar a oferta de conteúdo sob demanda e personalizado para o público. Cabe destacar que a Internet 5G também acarretará contribuições positivas em relação à cobertura e transmissões ao vivo, onde os repórteres, presentes no local, poderão informar os espectadores em tempo real. Este conceito deriva dos atributos proeminentes da nova tecnologia, que possibilitarão uma conectividade mais ágil e uma estabilidade de sinal aprimorada.

Outro aspecto digno de nota, conforme delineado pelas fontes entrevistadas, é o envolvimento do cidadão comum. A despeito da colaboração da audiência com as redações dos telejornais já estar manifesta no presente, por meio do encaminhamento de sugestões de pauta, imagens e vídeos, a tendência natural aponta para um nível ainda mais profundo de participação da audiência na produção dos conteúdos a serem veiculados. Por fim reforçar-se: em meio à celeridade da internet e à dinâmica dos conteúdos digitais, o jornalismo ético, de qualidade e eficaz torna-se cada vez mais crucial.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. Anatel aprova o edital do leilão de 5G. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/anatel/pt-br/assuntos/noticias/anatel-aprova-o-edital-do-leilao-de-5g>.

BARROSO, Graciele. Transmídia no telejornalismo de emissoras públicas: estratégias adotadas nos telejornais Repórter Brasil Noite (TV Brasil) e Jornal Antares (TV Antares). Jornalismo em ambientes multiplataforma. João Pessoa: Editora do CCTA, 2016.

CÁDIMA, Francisco. Novas Convergências Digitais: Mídia, Humanidades e Artes. Revistas Novos Olhares, Vol. 4.1. 2015.

CIRNE, Livia. De uma para muitas... mídias: uma abordagem da transmidiação no telejornalismo. Revista Latino-Americana de Jornalismo - NCORA, 2016.

DELEUZE, G. & Guattari, F. Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia (Vol.1). 1995. São Paulo: Editora 34.

DELEUZE, G. Foucault, São Paulo: Brasiliense, 2005.

FARIAS, Guilherme Francisco de. 5G Redes de comunicações móveis de quinta geração: evolução, tecnologia, aplicações e mercado. Trabalho de conclusão de curso – Engenharia Elétrica, Universidade do sul de Santa Catarina. Palhoça. 2019.

FECHINE, Yvana. Transmidiação e cultura participativa: pensando as práticas textuais de agenciamento dos fãs de telenovelas brasileiras. Revista Contracampo. Rio de Janeiro, 2014.

FINGER, Cristiane. O telejornalismo na hipertelevisão: os desafios dos produtores e dos receptores das notícias no mundo multitelas. In VIZEU, Alfredo; Mello, EDNA; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. Telejornalismo em questão: análises, conceitos e desafios. Florianópolis: Insular. 2014.

FREEMAN, R. Edward. Strategic Management: a stakeholder approach. Toronto: Pitman, 1984.

FREITAS, Fabiana Rossi da Rocha. Dados e Hipertelevisão: reflexões iniciais. 2018.

GRUSZYNSKI, A. Design editorial multiplataforma. In: Anais... XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2015.

HOSSAIN, Saddam. 5G Wireless Communication Systems. American Journal of Engineering Research (AJER), Vol.2, 2013.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. Psicol. Soc. vol.19 no.1 Porto Alegre Jan./Apr. 2007.

LOPES, Daniele Vieira; BONISEM, Fabiano Mazzini. O Jornalismo na Era Digital: Impactos Percebidos por Repórteres e Editores. Espírito Santo, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0800-1.pdf>.

MARCONDES FILHO, Ciro. Superciber: a civilização místico-tecnológica do século 21: sobrevivências e ações estratégicas. São Paulo: Paulus, 2009.

MAIA, Guilherme; OLEGÁRIO, Leandro. Os impactos do 5G no telejornalismo regional: uma proposta metodológica. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UFPB – 5 a 9/9/2022.

OLEGÁRIO, Leandro dos Santos. MAIS inovação, MAIS comunicação: Entenda por que esta tecnologia de telefonia é tão aguardada por especialistas, e como pode impactar na sociedade. Coletiva TNDNCS - Inovação + Comunicação. 2020. Disponível em: <http://acervo.maven.com.br/pub/coletivanet/?numero=24&edicao=12612#page/>.

SILVA, Peterson de Santis; MACHADO Filho, Francisco. A TV híbrida como oportunidade de negócios para as emissoras regionais de televisão aberta no Brasil. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/151195>.

SOUZA, Maurício Dias. Jornalismo e Cultura da Convergência: A Narrativa Transmídia na Cobertura do Cablegate nos Sites El País e Guardian. 2011. 251f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Santa Maria, 2011.

STRINGARI, Rosângela. Rotinas de Produção no Telejornalismo: práticas e discurso dos telejornais locais do meio-dia em Curitiba – um estudo comparativo e impacto do digital. 2020.

WORLD ECONOMIC FORUM. The Impact of 5G: Creating New Value across Industries and Society. Suíça, 2020. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_The_Impact_of_5G_Report.pdf.